

Educação, articulação e complexidade por Edgar Morin

*Elza Antonia Spagnol Vanin**

O francês Edgar Morin é um dos maiores pensadores multidisciplinares do nosso século. É conhecido, principalmente, como sociólogo e epistemólogo. É pioneiro nos estudos sobre complexidade. Morin é reconhecido também por seu caráter interdisciplinar. É um pensador que se destaca pelo seu interesse na reforma do atual sistema educacional.

Na obra que se resenha a seguir, Morin revela seu trabalho em busca do conhecimento que respeite as individualidades sem separar-se do todo. Defende também a integração das disciplinas na busca da totalidade do conhecimento.

No livro citado, Morin enfatiza a dialética da vida e a coloca como um eterno desafio. Destaca que os conflitos são parte concreta e necessária ao ser humano. Somos individualidades em um universo que, neste século, está marcado por inúmeras contradições sociais, econômicas, de valores e interesses. Diante deste cenário será o imaginário que demarcará as ações e, frente a isto, a educação e o educador têm papel importante: educar para a humanização, pois as grandes marcas ideológicas que se apresentam perpassam pela religião, mídia e educação e passarão a fazer parte da cultura.

Desse modo, pensar em educação exige grande esforço de reflexão. Edgar Morin, no livro “Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios”, nos possibilita refletir sobre o sentido de estar no mundo e a real significação de viver; nos faz olhar para a educação com esperança de que uma nova sociedade é possível e que é compromisso de todos construí-la. A educação tem uma grande parcela desta responsabilidade.

Em linhas gerais, o conteúdo do livro se detém na construção da religação dos conhecimentos, na articulação dos saberes como pertencentes a um conjunto ou a um universo associado. Enfatiza a necessidade de uma desconstrução da fragmentação que o pensamento científico vem construindo a mais de um século.

Estamos sendo historicamente construídos para esperar que alguém venha nos salvar ou resolver as situações, enquanto ser sujeito é ser parte da sociedade, do contexto em que se vive. Ser participativo é um direito de ser, de fazer, de construir-se, e não ser

objeto de manipulação por interesses ora de um interesse, ora de outro.

Para romper com essa determinação construída ao longo da história humana, uma das chaves é a problematização. Este questionamento deve iniciar pela formação do pensamento para que o futuro não seja uma cópia do hoje, mas uma nova situação nascida da integração e conexão entre as culturas, pois a chave social é construir cidadãos capazes de enfrentar problemas do seu tempo. Mas, como resolver esses problemas se o homem foi desprovido do direito a reflexão e a ciência excluiu o sujeito? Como restituir o saber? Esse é um paradigma a des-construir e a re-construir.

Morin coloca a educação como um desafio complexo e focaliza a necessidade de questionar as 'certezas'. Destaca a importância da incerteza na construção de um outro olhar ao ser humano e ao mundo.

Segundo Morin, ao se pensar em reforma da educação é necessário ver a dimensão humana nas suas diversas fases etárias. É necessária uma reforma desde o ensino infantil até a universidade. No entanto, o grande eixo inicial está em que os adultos comecem a se perguntar: quem somos? de onde viemos? para onde vamos?, interligando, deste modo, todas as ciências. Se isto acontecesse na escola se integrariam também todas as disciplinas.

Essa religação é uma aprendizagem. Problematizar e religar andam juntas e são essenciais para atingir a unidade complexa do homem, mas, para isso, precisamos reaprender a pensar e reaprender a amar, voltando-nos para uma educação para a humanização.

Desse modo, quando se pensa no processo educacional, não se pensa isoladamente em uma disciplina, se pensa em todo um coletivo escolar e um conjunto de disciplinas que compõem o currículo da escola, porque, na verdade, o homem nasce completo, em um mundo impregnado de histórias reais e ficcionais, cheias de diferentes sons, imagens, enfim, linguagens.

Sintetizando os sete saberes, Morin coloca que:

- O risco, o erro e as ilusões fazem parte do conhecimento; é importante mostrar e buscar quais são as raízes e as causas dos fatos;

- O conhecimento deve ser pertinente de forma que as partes sejam religadas no todo e o todo religado as partes;

- Na constituição humana a literatura desempenha fundamental papel para fazer o contraponto com a ciência;

- Em relação a compreensão humana, Morin nos coloca que primeiro é preciso compreender a si mesmo para depois compreender o outro;

- A incerteza é parte concreta da existência humana e é uma das maiores conquistas da consciência, por isso, essa é uma aventura humana que continuará;

- Compreender o mundo em que se vive é essencial para promover ações sobre ele;

- A ética, a solidariedade e a real democracia são necessárias.

Percebe-se que: permeando os caminhos da educação e do ensino, podemos perceber nas disciplinas vários fragmentos, ou seja, vemos as ciências humanas se separarem uma das outras, na disciplina de História se estuda a história, mas essa história não é o registro do que ocorre na sociedade, a história que se ensina é aquela que aconteceu ou aquela que foi registrada, ou pelo menos como foi registrada; na Geografia se ensina como estática funcional ou como parte do universo que é essencial para a existência humana; a língua materna ensina a viver a língua, a conhecer a língua pela sua totalidade, mas se ensina o que é interessante ao professor, ou só o que o mercado exige. Deste modo, ou se ensina também o que faz bem ao espírito e se compreende esta língua no seu contexto histórico cheio de riquezas ou ela perde seu real sentido; A língua estrangeira, atualmente, se ensina para o mercado, assim. Ou se ensina para o enriquecimento cultural e para a vida ou ela se tornará cada vez mais estrangeira aos olhos de nossos alunos.

O sentimento lúdico nos acompanha em toda vida e aqueles que não o possuem têm uma vida incredivelmente triste. O homem não é apenas físico, é mitológico também. Vivemos de mitologia, sonhos, imaginário. Esta é a concepção complexa do ser humano.

Morin acredita na necessidade e na possibilidade da condição humana, na religação dos conhecimentos e das disciplinas na busca de um todo.

Para Morin uma das chaves da educação é possível resumir ainda em: Amar + ação = amarração naquilo que se faz, por quê se faz, com quem se faz, para que se torne um construir.

Em resumo, a educação para o terceiro milênio deve ser uma educação autêntica e para a vida real, uma educação democrática, ética, que vê o sujeito na sua totalidade. Professores e alunos educando-se entre si mediados pelo mundo, reaprendendo a pensar, tornando-se capazes de compreender contextos e resolver problemas reais. Este é um grande desafio diante das complexidades sociais e humanas em constante movimento e transformação. Para tal, é necessário aprender a resignificar conceitos historicamente construídos como únicas verdades e acreditar que as mudanças são possíveis. Negar o individualismo conservando a individualidade comprometida com a coletividade, uma coletividade que lute para alterar a condição existencial e social do sujeito. Este não é um compromisso apenas de professores e alunos, mas de toda a sociedade.

Notas

*Professora de Língua Espanhola e Prática de Ensino, Centro de Ciências de Comunicação e Artes, Universidade Comunitária Regional de Chapecó - UNOCHAPECÓ, Chapecó - SC - Fone 49 328.6146, e-mail: vanin@unochapeco.educ.br.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria da Conceição de e CARVALHO, Edgar e Assis. **Educação e complexidade. Os sete saberes e outros ensaios.** São Paulo: Cortez, 2002.